

**gui a do
estudan
te da fa
culdade
de letras
do porto**

HISTORIA - 4º Ano

1989/1990

378(05)
Guia



FACULDADE DE LETRAS
da
Universidade do Porto

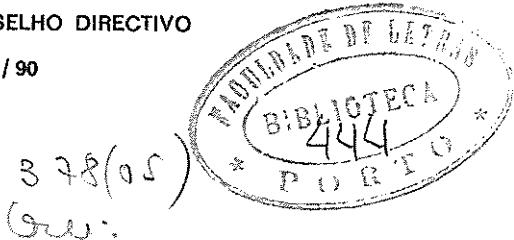
GUIA DO ESTUDANTE

X



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1989 / 90



Guia do Estudante da FLUP . HIST : 4º Ano

Porto: Conselho Directivo da FLUP.

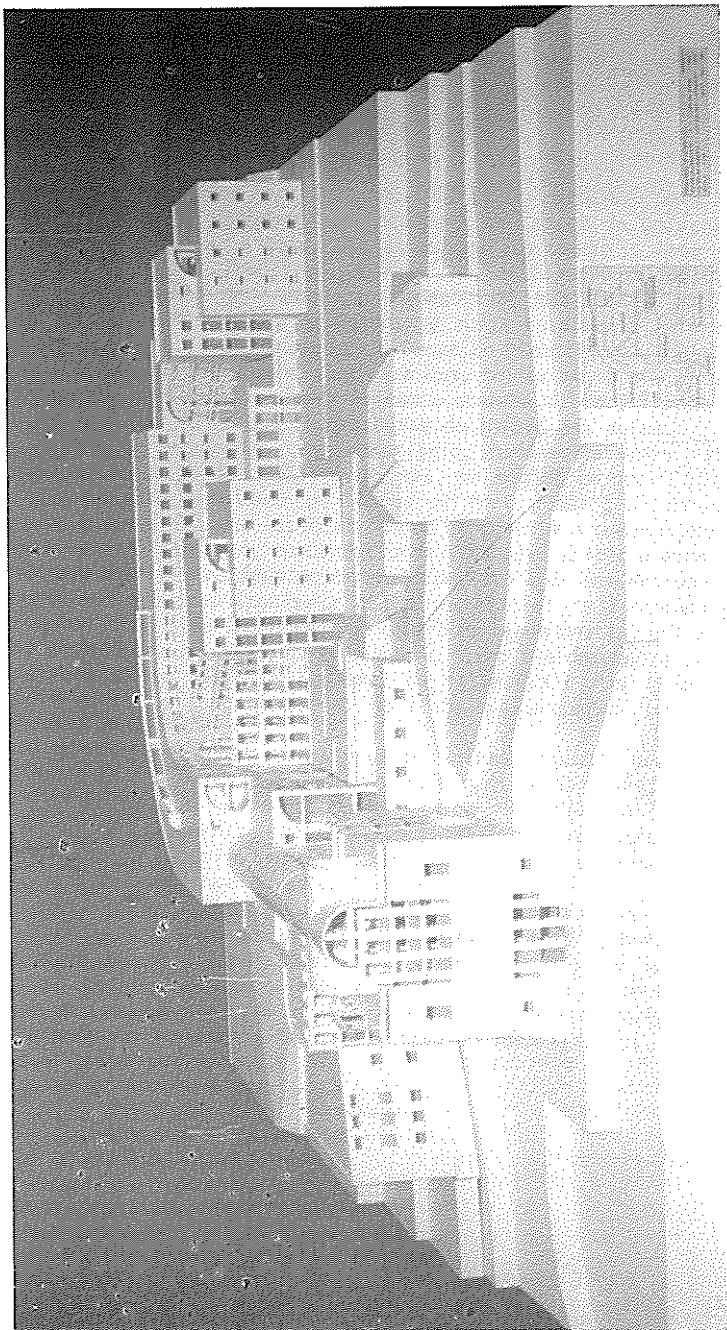
Vol. 10, 1989-1990

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 150 expl.



Maquete das futuras instalações da Faculdade de Letras
(em construção)

GUIA DO ESTUDANTE - 1989

INTRODUÇÃO

No presente ano lectivo de 1989-1990 edita-se pela 10^a vez consecutiva o Guia do Estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Importa assinalar a data, não só porque ela traduz o empenho que os sucessivos Conselhos Directivos puseram na elaboração e edição deste importante instrumento de informação pedagógica, mas também porque, pela primeira vez, o texto do Guia do Estudante surge totalmente informatizado, mercê de um trabalho levado a cabo pelo Conselho Directivo ao longo de 1989. Ficam, deste modo, criadas condições para que, no futuro, a sua actualização se processe de forma cada vez mais eficaz e económica, facilitando ao mesmo tempo a sua difusão junto dos alunos antes do início das aulas.

O Guia do Estudante deve constituir, fundamentalmente, um apoio à orientação do trabalho dos estudantes; mas, na medida em que é já parte da história recente da Faculdade de Letras do Porto, não pode deixar de se registar nele o significado especial de que se reveste o momento presente da vida desta escola. De facto, em Dezembro de 1988 teve início a construção do novo edifício da FLUP, na Área de Expansão do Pólo 3 da Universidade. No dia 16 de Junho de 1989 realizou-se a cerimónia oficial de lançamento da sua primeira pedra, que fica implantada no centro do bloco destinado à Biblioteca Central, simbolizando, assim, tudo quanto o livro e o documento representam para uma escola das ciências humanas, da filosofia e das línguas. Desta maneira se coroa um longo processo de trabalhos preparatórios efectuados pacientemente desde 1980.

Mas também em 1989 a Faculdade de Letras passou a ocupar um lugar cimeiro no quadro das instituições universitárias portuguesas, ao tornar-se a primeira Faculdade da Universidade do Porto a dispor de uma ligação à rede "Porbase", o que lhe permite trabalhar em linha com a Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto para pesquisa por parte dos utentes, como para carregamento de dados pelos serviços competentes da Biblioteca Central.

Finalmente, 1988-89 fica também assinalado como o ano lectivo em que se aprovaram os Estatutos da Universidade do Porto e se elaboraram os desta sua Faculdade de Letras, por forma a que pudessem vir a ser aprovados pela assembleia competente, o que se espera aconteça antes do fim de Dezembro. Com eles poderá, com certeza, a escola exercer de maneira mais adequada a autonomia possível no quadro das instituições universitárias.

O Guia do Estudante pretende ser fundamentalmente um instrumento útil aos estudantes da Faculdade, pelo que as informações de natureza académica e social devem ser procuradas no folheto Instruções Úteis aos Alunos que a Reitoria da Universidade do Porto distribui gratuitamente no início do ano lectivo.

No quadro da Lei de Autonomia das Universidades e dos Estatutos elaborados pela Universidade do Porto, e de acordo também com a Lei Orgânica desta, e com o projecto dos seus próprios Estatutos, a Faculdade de Letras passa a estruturar-se do seguinte modo:

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.

C Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado); na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de

Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos).

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

- 1.Digite: GEAC.
- 2.Carregue tecla ENTER.
- 3.Digite: CAT.
- 4.Siga as instruções que aparecem no écran.
- 5.Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, encyclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 18H00
Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos inviduais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa

" de História Moderna
" de História Medieval
Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30
Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2^a a 6^a feira 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

Curriculos em vigor em 1989/90:

1^o, 2^o e 3^o anos - Port. nº 850/87

4^o ano - Dec. nº 53/78

4^o ano de Sociologia: Port. nº 352-C/85

4^o ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3^o ano).

b) Tradução (Port/Ingl; Port/Franc; Port/Alem) - Portaria nº 850/87 (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Arqueologia (proposto)

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas e Arquivos (edição de novo Curso em 1989/90)

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:

"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port/Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º ano (Port. 850/87):

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária aprovação superior.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Matrículas e/ou inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Permutas: só no ingresso ela 1^a vez no Ensino Superior.

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1^o ano em que se inscreveram; este disposto aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congéneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1: Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 7.6.89)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 21º do Decreto Lei nº 781-A/76, de 28 de Outubro, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidas pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 7/6/89 as Normas de avaliação de conhecimentos para o ano lectivo de 1989-90.

As normas agora propostas introduzem não só modificações em alguns artigos (cf. os novos artigos 1º, 2º, 3º, 5º, 10º, 11º, 12º, 13º, 15º, 16º, 20º e 22º), como também algumas recomendações apresentadas sob a forma de Observações Finais às avaliações contínuas e periódica. Suprimem os antigos artigos 29º e 33º e dispõem de forma mais clara esclarecimentos sobre melhoria de nota e épocas de exames de recurso e especial que se encontravam dispersos ou omissos (cf. Esclarecimentos sobre a avaliação final). Chama-se a atenção para as alterações significativas introduzidas pela nova redacção dos artigos 1º e 11º.

Relativamente a alterações de fundo que alguns membros do Conselho Pedagógico gostariam de ter visto aprovadas, optou-se pela divulgação à escola em documento próprio, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre a matéria pedagógica. Para a actual redacção das Normas de avaliação foram ouvidas comissões pedagógicas dos cursos e em certos casos atendeu-se a sugestões que vários docentes resolveram por bem dirigir ao Conselho Pedagógico no princípio do ano lectivo de 1988/89.

Subjacente à elaboração das presentes Normas de avaliação esteve o desejo por parte dos membros do Conselho Pedagógico de incrementar a avaliação periódica e contínua, de consagrar a importância dos trabalhos individuais e de grupo e de acentuar a importância do contacto directo e pessoal entre professor e aluno.

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá

o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedecam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta da testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em

salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As dadas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

CAPÍTULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 10º - Tipo de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de prova, tais como trabalhos de investigação (individuais ou em grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

§ único - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

Artº 11º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar em simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Artº 12º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de

presença, sob a responsabilidade do docente.

§ Único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art. 13º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento a disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência seja comunicada ao docente até à realização da primeira prova de avaliação periódica.

Artº 14º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua deverão, sempre que possível, não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 15º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 16º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 17º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o «ábado não deve ser considerado dia útil»).

Artº 18º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria denota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 19º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 20º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deveá ser comunicada por escrito ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Artº 21º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 22º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art. 6º.

§ Único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Artº 23º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º.

Art. 24º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Artº 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Artº 23º.

Art.º 26º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Artº 27º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 16º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendário das provas em 1989-1990
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990
" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1990
Exame final - Época normal: de 2 a 18 de Julho de 1990 (provas escritas)
" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990
(provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990
" " - Segundas provas: 21 de Maio a 2 de Junho de 1990
Exame final - Época normal: 11 de Junho a 7 de Julho (orais inclusive)
" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas)

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)

Anexos desta série:

I - Problematizadas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (6-7 de Outubro de 1988), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos (no prelo)

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984
II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central, 1919-1928, Porto, 1989

Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1989-1990. Mas para se ter uma ideia aproximada da dimensão da escola, no plano pedagógico, basta notar que os programas desenvolvidos nos cinco cursos de licenciatura e nos cursos do ramo educacional e de tradução se situam na ordem das duas centenas, para 1989-90.

Convém esclarecer que, não se aplicando ao ensino universitário o conceito de "livro obrigatório", as indicações constantes de algumas bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1989

O Conselho Directivo

PROGRAMAS

Nota: Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.

H39 HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL (SÉCS XVIII XX)

Docentes Prof Doutor Fernando de Sousa
Dr Jorge Fernandes Alves

Atendendo à inserção da disciplina na estrutura curricular do curso, são objectivos fundamentais.

Caracterizar os vectores determinantes na estruturação da economia e da sociedade contemporâneas;

problematizar o discurso e as dimensões da análise histórica aplicada aos fenómenos económicos e sociais.

No decorrer do ano lectivo, será incentivada e realização de trabalhos de índole prática, visando proporcionar a aplicação de conhecimentos adquiridos e o contacto com as fontes e os problemas de natureza histórica, de modo a estimular a investigação

Programa-Síntese

- 1 A evolução demográfica (sécs. XVIII: XX)
- 2 A revolução agrícola (sécs. XVIII XX)
3. A revolução industrial crescimento económico, progresso científico e inovação técnica (sécs. XVIII XX).
- 4 A revolução dos transportes (sécs. XVIII XX).
- 5 Flutuações e crises económicas (sécs. XVIII-XX)
- 6 A sociedade industrial

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ASHTON, T. S A Revolução Industrial, Lisboa, Publ. Europa-América, 1977
- BAIROCH, P. Révolution Industrielle et sous-développement, Paris, Mouton, 1974
- " Le Tiers-Monde dans l'impasse: le démarrage économique du XVIIIe au XIXe siècle, Paris, Gallimard, 1983
- " Commerce extérieur et développement économique de l'Europe au XIXe siècle, Paris, Mouton, 1976
- BOUVIER, J. Histoire économique et Histoire sociale, Paris, 1968
- " Initiation au vocabulaire et aux mécanismes économiques contemporains (XIXe-XXe siècles), Paris, S.E.D.E.S., 1977
- BRAUDEL, F. Civilisation matérielle: économie et capitalisme XVe-XVIIIe siècle, 3 vols., Paris, Armand Colin, 1979
- " Las civilizaciones actuales, Madrid, Tecnos, 1970
- CHESNAIS, Jean-Claude La transition démographique, Paris, P.U.F., 1986
- CIPOLLA, Carlo M., ed. História económica da Europa, I III e IV Barcelona, Ariel 1979

- CROUZET, M. (dir de) Histoire générale des civilisations, T V e VI, Paris, P.U.F., 1967
 DAUMAS, M. (dir de) Histoire générale des techniques, I III, IV e V, Paris, P.U.F., 1979
 " Histoire de la Science, Paris, Gallimard, 1957
 DOLLÉANS, E. Histoire du Mouvement Ouvrier, Paris, A. Colin, 1939
 DROZ, Jacques (dir de) História geral do socialismo, 9 vols., Lisboa, Livr. Horizonte, 1984
 DUBIEF, Henri Le Syndicalisme Révolutionnaire, Paris, A. Colin, 1969
 DUPEUX, Georges La société Française (1789-1970), Paris, A. Colin, 1972
 FOHLEN, Claude Le travail au XIXe siècle, Paris, P.U.F., 1967
 " Qu'est-ce que la Révolution industrielle?, Paris, Robert Laffont, 1971
 FLAMANT, M. Histoire économique et sociale contemporaine, Paris, Montchrestien, 1976
 FURIA, D.; SERRE, P. Ch Techniques et sociétés, liaisons et évolutions, Paris, A. Colin, 1970
 HOBBSBAWM, E. J. A era das revoluções, Lisboa, Presença, 1978
 " A era do capital, Lisboa, Presença, 1979
 LANDES, D. S. L'Europe technicienne. Révolution technicienne et libre essor industriel en Europe occidentale de 1750 à nos jours, Paris, 1953
 LEFRANC, Georges O sindicalismo no mundo, Lisboa, Publ. Europa-América, 1974
 LÉON, Pierre (dir. de) Histoire économique et sociale du monde, T. III e IV, Paris, A. Colin, 1978
 " Économies et sociétés préindustrielles, T. II, Paris, A. Colin, 1970
 LESOURD, J. A.; GÉRARD, C. História económica. Séculos XIX e XX, 2^a ed., vol. 1, Lisboa, Livraria Clássica Editora, s.d.
 " Nouvelle Histoire Économique, T. I, Paris, A. Colin, 1979
 MANTOUX, Paul La Révolution Industrielle au XVIIIe siècle, Paris, Génin, 1959
 MATHIAS, Peter A primeira nação industrial, Lisboa, Assírio e Alvim, s.d.
 " MAURO, F. Histoire de l'Économie Mondiale, Paris, Siréy, 1971
 MORAZÉ, C. Os burgueses à conquista do mundo, Lisboa, Cosmos, 1965
 MORTON, A. L.; TATE, G. Historia del movimiento obrero inglés, Madrid, Fundamentos, 1971

- NIVEAU M Histoire des faits économiques contemporains,
Paris P.U.F., 1970
- PALMADA, Guy La época de la burguesía, Madrid, Siglo XXI,
1980
- PERNOUD, Régine Histoire de la bourgeoisie en France,
Paris, Seuil, 1960
- PHILIP, André História dos factos económicos e sociais,
Lisboa, Liv. Morais, 1965
- PONTEIL, F Les classes bourgeois et l'avènement de la
démocratie, Paris, P.U.F., 1968
- POSTAN, M., HABAKKUK, H. (dir. de) História económica de
Europa, T IV, Jaén, ed. Rev. de Derecho Privado, 1977
- RÉMOND, René Introduction à l'Histoire de notre temps, 3
vols., Paris, Seuil, 1974
- RIOUX, J. P A Revolução Industrial, Lisboa, Publs. Dom
Quixote, 1978
- ROSTOW, W. W. Les étapes de la croissance économique,
Paris, Seuil, 1962
- TAPINOS, Georges Éléments de démographie, Paris, A. Colin,
1985
- SALAMONE, Nino Causas sociais da Revolução Industrial,
Lisboa, Presença, 1980

HISTÓRIA INSTITUCIONAL E POLÍTICA (SÉCS. XVIII-XX)

Docentes: Prof. Doutor Francisco Alberto Fortunato Queirós
Drº Mº José Moutinho Santos

1. Introdução.
2. A Filosofia das Luzes e o Pensamento Político.
3. A Revolução Americana.
 - 3.1. Etapas do processo de Independência.
 - 3.2. Declaração de Independência e Constituição de 1787.
 - 3.3. Originalidade da revolução Americana: suas repercussões
4. A Revolução Francesa.
 - 4.1. Origens da Revolução.
 - 4.2. Fases da Revolução.
 - 4.3. Evolução política e institucional na França revolucionária.
 - 4.4. A obra da Revolução.
5. O Liberalismo.
 - 5.1. Ideologia liberal e sociologia do liberalismo.
 - 5.2. O movimento revolucionário.
6. A era da Democracia: ideal democrático, forças sociais e vida política.
 7. A Europa das Nacionalidades: característica, fontes e evolução dos movimentos.
 8. A Revolução Russa.
 - 8.1. Caracterização da Rússia no séc. XIX.
 - 8.2. Da Rússia de 1900 à tomada do poder por Lenin.
 9. História do tempo presente. (Ciclo de Conferências integradas no âmbito da disciplina e passíveis de serem objecto de avaliação, uma vez que terão três componentes: exposição, diálogo e orientação bibliográfica).
 - 9.1. As Constituições portuguesas do séc. XX
 - 9.2. A Comunidade Europeia e o Comecon.
 - 9.3. A Organização do Tratado do Atlântico Norte e o Pacto de Varsóvia.
 - 9.4. O significado do poder local no contexto da Administração Pública.
 - 9.5. As comunidades portuguesas no Mundo e a sua ligação à Mãe-Pátria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DUROSELLE, J. B. L'idée d'Europe dans l'Histoire, Paris,
Denoel, 1965
- ELLUL J. Histoire des Institutions, vol 5, Paris,
P.U.F., 1969

- FERRO, M. - A Revolução Russa de 1917, Lisboa, Pub. D. Quixote, 1975
- GRUNWALD, C. - Sociedade e civilização russas no séc. XIX, Lisboa, Aster, 1976
- GODECHOT, J. - Les Institutions de la France sous la Révolution et l'Empire, Paris, P.U.F., 1951
- "- Les Révolutions, Paris, P.U.F., 1964
- JOURCIN, A. - Prólogo ao nosso século - 1871-1918, Lisboa, Pub. D. Quixote, 1981
- MIRANDA, J. - Manual de Direito Constitucional, Coimbra, Coimbra Editora, 1982
- RÉMOND, R. - Histoire des États-Unis, Paris, P.U.F., 1959
- "- L'Ancien Régime et la Révolution, Paris, Ed. du Seuil, 1974
- "- Le XIX Siècle, Paris, Ed. du Seuil, 1974
- TOUCHARD, J. - História das Ideias Políticas, vols. 5 e 6, Lisboa, Europa-América, 1970

HISTÓRIA CULTURAL E DAS MENTALIDADES
(SÉCS. XVIII-XX)

Docentes. Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Dr^a M^a da Conceição Meireles Pereira

I. O Barroco e a sua problemática.

1. Época histórica, organização do Estado, forma de cultura, sensibilidade, mentalidade?

2. A crise de sensibilidade e os novos valores alternativos.

III. O Movimento Cultural das Luzes.

1. O Iluminismo como idade cultural. A geografia, a cronologia e a epistemologia iluminística.

2. O progresso - a filosofia, a ciência e a história.

3. As ideias, os homens e as obras.

III. O século XIX europeu e a situação nacional.

1. As grandes etapas políticas, seu suporte ideológico. Correntes de sensibilidade e cultura.

2. A situação cultural portuguesa desde o início do liberalismo: religião e revolução.

3. O anticlericalismo: raízes e termos.

4. O choque da ciência com a(s) crença(s).

5. O sentimento de decadência em Portugal na 2^a metade do séc. XIX: a educação contestada.

6. A imprensa periódica, sobretudo portuense: títulos, temáticas, ideias.

IV. O Movimento Cultural romântico no século XIX.

1. O conceito de Romantismo - polémica e problemática.

2. Focos materiais e difusão do movimento. Os diferentes "romantismos".

3. Sua recepção em Portugal.

V. O pensamento social na 1^a metade do século XIX.

1. O romantismo social. Os profetas de uma cidade mais justa. A utopia e o socialismo conceptual.

2. A herança iluminista: Ma Sly, Morelly, Meshier, Rousseau.

3. Saint-Simon e o socialismo tecnocrático.

4. A organização societária de Fonrier.

5. Owen - a filantropia patronal. O socialismo mutualista e cooperativo.

6. Proudhon: sociologia e política.

VI. Correntes de pensamento e de sensibilidade do séc. XX: algumas etapas marcantes.

1. A cultura de massas.

2. Guerra e sensibilidade colectiva: as ideias, a cultura, os comportamentos.

3. Os anos loucos - situação da mulher.

4. As artes plásticas, o teatro, o cinema.
5. Regimes totalitários e massificação cultural.
6. Os "mass média".

Temas para investigação:

1. A "crise" em Portugal na 2^a metade do séc. XVIII.
2. A imprensa periódica: características, meios de acção, resultados.
3. As grandes mudanças do séc. XX e sua repercussão em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- BÉNICHOU, Paul - Le temps des prophètes-doctrines de l'âge romantique, Paris, 1977
- CHAUNU, Pierre - La Civilisation de l'Europe des Lumières, Paris, 1971
- DROZ, J. (dir. de) História Geral do Socialismo, Lisboa, 1976/9
- GERBOD, Paul - L'Europe Culturelle et Religieuse de 1815 à nos jours. Paris, P.U.F., 1977
- HAZARD, Paul - Crise da Consciência Europeia, Lisboa, 1971
- "- O pensamento europeu no séc. XVIII, Lisboa, 1974
- HAMPSON, Norman - Le siècle des Lumières, Paris, 1968
- MARAVALL, J. Antonio - La cultura del barroco, Barcelona, 1980
- PEYRE, Henri - Introdução ao Romantismo, Lisboa, 1975
- PIRES, A. M. B. - A Ideia de Decadência na Geração de 70, Ponta Delgada, 1980
- RÉMOND, René - L'anticléricalisme en France depuis 1815 à nos jours.
- "- L'Ancien Régime et la Révolution, Paris, 1974
- ROGIER, L. J. et al. - Nouvelle Histoire de l'Église, Vol. IV, Paris, 1966
- SOBOUL, Albert et al. - Le siècle des Lumières, Paris, 1977

Nota: A propósito de cada assunto será citada a bibliografia específica na aula respectiva.

Docentes: Prof. Doutor Victor de Sá
Dr. Luis Alberto Marques Alves

- I. Introdução ao estudo da Época contemporânea portuguesa.
 1. O conceito histórico da Época Contemporânea.
 2. A Época contemporânea portuguesa e as mudanças estruturais que se verificam em relação ao Antigo Regime.
 - II. O período da instauração do Liberalismo em Portugal.
 1. O processo da instauração do liberalismo.
 - 1.1. O 1º período liberal (1820-1823).
 - 1.1.1. A revolução de 1820. Condicionantes internos e externos.
 - 1.1.2. Os grandes problemas nacionais e a acção das Constituintes (a questão do Estado; a questão brasileira; a questão agrária e o protecçãoismo).
 - 1.1.3. A Constituição de 1822.
 - 1.2. Da Constituição à Carta Constitucional (1823-1826).
 - 1.2.1. O golpe de Estado da Vilafrancada (1823).
 - 1.2.2. A Abrilada (1824).
 - 1.2.3. O reconhecimento da independência do Brasil (1825).
 - 1.2.4. A Carta Constitucional (1826).
 - 1.3. Da outorga da Carta Constitucional à instauração definitiva do liberalismo (1826-1834).
 - 1.3.1. Condicionantes internos e externos da vigência da Carta Constitucional.
 - 1.3.2. O regresso de D. Miguel e a restauração do absolutismo. A revolta constitucionalista de 1828 no Porto (16 Maio) e a Terceira (5 de Outubro).
 - 1.3.3. A nova conjuntura política europeia. A expedição liberal e a guerra civil.
 - 1.3.4. A legislação de Mouzinho da Silveira (1832).
 - 1.3.5. Complemento das medidas revolucionárias: a lei das indemnizações; a lei da supressão das ordens religiosas; a lei da venda dos bens nacionais e o processo de transferência da propriedade.
 - 1.4. A luta pelo poder entre as diversas facções da burguesia liberal (1834-1851).
 - 1.4.1. A Convenção de Évora-Monte, a Quádrupla Aliança e o domínio político da alta burguesia cartista.
 - 1.4.2. A Revolução de Setembro de 1836 e o Setembrismo. A Constituição de 1838.
 - 1.4.3. A restauração da Carta e a 1ª ditadura de Costa Cabral (1842-1846).

1.4.4. A revolta da Maria da Fonte (1846).

1.4.5. A guerra civil da Patuleia (1846-1847). A intervenção estrangeira.

1.4.6. A conjuntura revolucionária europeia de 1848 e a sociedade portuguesa. A nova geração: a emergência das ideias de república e de socialismo. A 2^a ditadura de Costa Cabral (1849-1851), a oposição e o movimento da Regeneração.

2. A sociedade portuguesa na 1^a metade do século XIX.

2.1. A fraqueza do crescimento demográfico na 1^a metade de oitocentos. Crises agrícolas, invasões francesas, surtos epidémicos...

2.2. As assimetrias regionais.

2.3. Êxodo rural, fraqueza da urbanização e emigração para o Brasil.

2.4. Estratificação e evolução social. Permanências e transformações.

3. A economia portuguesa na 1^a metade do século XIX.

3.1. A evolução da conjuntura económica de fins do séc. XVIII a meados do século XIX.

3.2. Transformações liberais - permanências e rupturas. O lemto processo de industrialização. O proteccionismo stembrista e o tratado luso-britânico de 1842. As mudanças no sector agrícola. Dinamismo financeiro e criação de condições para a formação do mercado interno nacional com o Cabralismo.

3.3. A revolução liberal e os grandes problemas económicos nacionais.

3.3.1. A abolição do antigo regime económico.

3.3.2. A luta pela independência económica: proteccionismo e livre-câmbio.

3.3.3. A necessidade de reconversão da economia de base colonial atlântica.

3.4. Travões estruturais do desenvolvimento económico português.

3.4.1. A manutenção do império e a "política de transporte".

3.4.2. A dependência externa.

3.4.3. "Crescimento agrícola sem industrialização" - a falta de desenvolvimento sincrónico dos dois sectores produtivos.

3.4.4. A falta de articulação entre o sector dinâmico da economia e os outros sectores da actividade económica.

3.4.5. Dependência dos agentes económicos do proteccionismo e das actividades de fomento estatal.

3.4.6. Estrutura senhorial da propriedade e ausência de um campesinato independente.

3.4.7. Mentalidade aristocratizante da burguesia portuguesa. Valores mentais/simbólicos que fazem assentar na terra a importância económica e o prestígio social. Atracção por actividades não

produtivas. Desvalorização do trabalho.

4. Transformações culturais na 1^a metade do século XIX.

4.1. As transformações culturais.

4.1.1. Laicização da cultura dominante.

4.1.2. Cultura como reflexo dos valores das novas camadas sociais dominantes.

4.2. Evolução da cultura dominante desde o Pombalismo a meados do século XIX.

III. Da Regeneração ao fim da Monarquia.

1. A evolução política.

1.1. A Regeneração ou a estruturação do capitalismo.

1.2. A 1^a fase do Rotativismo (1851-1865).

1.2.1. O Acto Adicional de 1852.

1.2.2. O fontismo.

1.3. Período intercalar (1865-1876).

1.3.1. A fusão e a recomposição político-partidária no final do período: o aparecimento de novos partidos - o Partido Socialista e o Partido Republicano; o Pacto da Granja e a reunião de históricos e reformistas no Partido Progressista.

1.3.2. Da prosperidade à crise bancária.

1.4. A 2^a fase do Rotativismo (1878-1890).

1.4.1. A questão colonial e o "ultimatum" inglês.

1.5. Período intercalar (1890-1893).

1.5.1. O "31 de Janeiro de 1891".

1.5.2. A crise financeira de 1891 - conjuntura interna e externa.

1.5.3. O governo de Dias Ferreira.

1.6. A 3^a fase do rotativismo (1893-1906).

1.6.1. Desagregação dos partidos monárquicos e ascensão republicana.

1.7. Os governos de João Franco: parlamentar (Maio 1906-Maio 1907); ditadura (Maio 1907-Fevereiro 1908). O regicídio e o retorno ao sistema parlamentar.

1.8. Portugal nas vésperas da República.

2. A sociedade portuguesa na 2^a metade do século XIX.

2.1. Estruturas e movimentos demográficos (1864-1911).

2.2. As estruturas sociais em transformação.

2.2.1. A ascensão das burguesias urbanas.

2.2.2. A reestruturação social nas cidades: industrialização, crescimento do operariado e agudização dos conflitos sociais.

2.2.3. A reestruturação social nos campos.

3. A economia portuguesa na 2^a metade do século XIX.

3.1. A situação da economia portuguesa no contexto internacional.

3.2. A agricultura.

- 3.3. Progressos e dificuldades da industrialização.
- 3.4. O comércio.
 - 3.4.1. A formação do mercado interno nacional.
 - 3.4.2. O mercado externo e a balança comercial.
 - 3.4.3. livre câmbio e protecçãoismo.
- 3.5. A banca e a evolução financeira.
- IV. A Primeira República (1910-1926).
 - 1. República política e República social.
 - 2. Projectos e realizações. As grandes reformas.
 - 3. 1917-1918: sidonismo versus sovietismo.
 - 4. Ofensiva contra a democracia parlamentar.
 - 5. Os interesses económicos e o golpe contrarevolucionário.
- V. A Ditadura (1926-1974).
 - 1. Ditadura de generais: Gomes da Costa, Sines de Cordes, Óscar Carmona.
 - 2. Salazarismo, Estado Novo, acumulação capitalista.
 - 3. Do ruralismo ao industrialismo.
 - 4. A questão colonial.
 - 5. O Marcelismo.
- VI. O restabelecimento da Democracia.
 - 1. O 25 de Abril de 1974.
 - 2. Extinção dos organismos repressivos, a fim da guerra colonial e eleições.
 - 3. O regime democrático e a Constituição de 1976.
 - 4. Problemas económicos e tensões sociais.
 - 5. Um novo lugar de Portugal no Mundo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CASTRO, Armando de - A Revolução Industrial em Portugal no séc. XIX, 3^a ed., Porto, 1976
- JUSTINO, David - A formação do espaço económico nacional. Portugal 1810-1913, vol. I, Lisboa, 1988
- MARQUES, A. H. Oliveira - História de Portugal, vol. II, 2^a ed., Lisboa, 1976
- "- Guia de História da 1^a República Portuguesa, Lisboa, 1981
 - PEREIRA, Miriam Halpern - Livre câmbio e desenvolvimento económico. Portugal na 2^a metade do séc. IX, 2^a ed., Lisboa, 1983
 - "- Política e Economia. Portugal nos séculos XIX e XX, Lisboa, 1979
 - SÁ, Victor de - A Crise do Liberalismo, 3^a ed., Lisboa, 1979
 - "- Época Contemporânea Portuguesa - I, Lisboa, 1981
 - "- Historiografia Sociológica de António Sérgio, Lisboa, 1979
 - "- Instauração do liberalismo em Portugal, Lisboa, 1987
 - "- Liberais & Republicanos, Lisboa, 1986

SIDERI, Sandro - O Comércio e Poder, Lisboa, 1978
TENGARINHA, José Manuel - Estudos de História Contemporânea de Portugal, Lisboa, 1983
O Estado Novo. Das Origens ao Fim da Autarcia. 1926-1959, 2 vols., Lisboa, 1987
A Formação do Portugal Contemporâneo: 1900-1980, vol. I: "Análise Social", nº 72-73-74, Lisboa, 1982; vol.II: "Análise Social", nº 77-78-79, Lisboa, 1983
O Século XIX em Portugal, "Análise Social", nº 61-62, Lisboa, 1980

ARTE DOS SÉCULOS XIX-XX

Docente: Dr. António Cardoso

1. A arquitectura do séc. XIX.
 - 1.1. O eclectismo e os caminhos de ruptura. Engenharia e arquitectura do ferro no Porto.
2. A pintura do século XIX - Neoclassicismo, Romantismo, Realismo e Impressionismo.
3. A escultura do século XIX.
4. A arquitectura do século XX.
 - 4.1. Os movimentos europeus de vanguarda.
 - 4.2. A formação e desenvolvimento do movimento moderno.
 - 4.3. Arquitectura e Urbanismo no Porto.
 - 4.3.1. O arquitecto Marques da Silva.
 5. A pintura do século XX.
 - 5.1. Arte e Design. O simbolismo.
 - 5.2. O Cubismo e movimentos contemporâneos.
 - 5.3. Expressionismo, Surrealismo e Abstraccionismo.
 - 5.4. O Modernismo Português.
 6. A escultura do século XX,
 7. Tendências da Arte Contemporânea.

BIBLIOGRAFIA

- I. Arte Geral
- 1976
- ARGAN, Giulio Carlo - El Arte Moderno, 2^a ed., Valencia,
BENEVOLO, Leonardo - Historia de la Arquitectura Moderna, 4^a
ed., Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1980
BRETON, André - Manifestes du Surréalisme, Col. Idées,
Paris, Gallimard, 1979
DELEVOY, Robert L. - Le Symbolisme, Genève, Albert Skira,
1982
- DENOEL/Gonthier, 1977
- FERRIER, Jean Louis - Picasso/Guernica, Paris,
FRANCATEL, Pierre - Art et Technique, Paris,
DENOEL/Gonthier, 1979
- "- L'Impressionisme, Paris, Denoel/Gonthier, 1974
"- Histoire de la Peinture Française, I et II Éditions
Gonhriira, Paris, 1955
- GOLDING, John - Le Cubisme, Ed. René Julliard, Paris, 1965
HUYGHE, René; RUDEL, Jean - L'art et le monde moderne,
Paris, Larousse, 1969
- KANDINSKY, Wassily - Cours du Bauhaus, Paris,
Denoel/Gonthier, 1975

- LACLOTTE, Michel et alii - Petit Larousse de la peinture, Paris, Larousse, 1979
- MARINETTI, F. T. - Manifiestos y textos futuristas, Barcelona, Ediciones del Cotal, 1978
- NORBER-SCHULZ, Christian - La signification dans l'architecture occidentale, Bruxelles, Pierre Mardaga, 1977
- PASSERON, René - Histoire de la Peinture Surrealiste, Paris, Le Livre de Poche, 1968
- PAULHAN, Jean - La peinture cubiste, Paris, Denoel/Gonthier, 1970
- PIJOAN, J. - História da Arte, Lisboa, Ed. Alfa, Vols. 8, 9 e 10, 1972
- "- Arte nos Séculos, Enciclopédia Semanal Ilustrada de História de Arte, Abril Cultural, 1970/71
- PONENTE, Nello - Peinture Moderne. Tendances Contemporaines, Paris, 1980
- READ, Herbert - A Concise History of Modern Sculpture, Londres, Thames and Hudson, 1979
- SEDLMAYR, Hans - A Revolução da Arte Moderna, 2^a ed., Lisboa, Livros Brasil, 1980
- VALIER, Dora - L'Art Abstrait, Paris, Librairie Générale Française, 1980
- ZEVI, Bruno - Saber ver a Arquitectura, 2^a ed., Lisboa, Arcádia, 1977
- "- História da Arquitectura Moderna, Lisboa, Arcádia, 1979
- II. Arte em Portugal
- CHICÓ, Mário Tavares; SANTOS, Armando Vieira; FRANÇA, José Augusto - Dicionário da Pintura Universal, Lisboa, Estúdios Cor, 1973
- FRANÇA, José Augusto - A Arte em Portugal no Século XIX, Lisboa, Livraria Bertrand, 1966-67
- "- A Arte Portuguesa de Oitocentos, Biblioteca Breve, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979
- "- António Carneiro, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1973
- "- A Arte em Portugal no Século XX, Lisboa, Livraria Bertrand, 1974
- "- Lisboa, Urbanismo e Arquitectura, Lisboa, Biblioteca Breve, 1980
- "- Amadeu de Sousa - Cardoso, 2^a ed., Lisboa, Ed. Inquérito, 1972
- "- Almada. O Português sem Mestre, Lisboa, Est. Cor, 1974
- "- O Modernismo na Arte Portuguesa, Biblioteca Breve, 1979
- GONÇALVES, Flávio - Um Século de Arquitectura e Talha no Noroeste de Portugal, (1750-1850), Porto, 1969

TEORIA DA HISTÓRIA E DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Docentes: Prof. Doutor João Francisco Marques
Dr. José Maciel Honrado Moreira Santos

Núcleo Temático:

- 1. Fundamentos e objectivos de uma reflexão teórica sobre a história.
 - 1.1. Natureza e vida - condições de inteligibilidade do passado.
 - 1.2. Homem, sociedade, memória e duração.
 - 2. Conhecimento histórico: objecto, sujeito e limites.
 - 2.1. Epistemologia da história.
 - 2.1.1. Historicidade como categoria do real.
 - 2.1.2. Possibilidade e natureza do saber histórico.
 - 2.1.3. Objectividade e subjectividade.
 - 2.2. Realidade histórica e historiador: a historiografia.
 - 2.2.1. Facto e estrutura.
 - 2.2.2. Reconstituição a partir de um presente: causalidade e síntese.
 - 2.2.3. História: narração e/ou ciência
 - 3. História e devir.
 - 3.1. Tempo e história.
 - 3.1.1. Cronologia e duração.
 - 3.1.2. Tempo social e periodização.
 - 3.2. Filosofia da história: perspectivas de análise.
 - 3.2.1. Dinâmica e teleologia.
 - 3.2.2. Concepções metafísicas e imanentistas do acontecer humano; de Santo Agostinho a Toynbee.

Aulas Práticas:

Será indicada oportunamente a colectânea a utilizar.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ARON, Raymond - Dimensions de la Conscience Historique, Paris, Plon, 1974
- "- Introduction à la Philosophie de l'Histoire. Essai sur les limites de L'objectivité Historique, Paris, Gallimard, 1948
- "- La Philosophie de L'Histoire. Essai sur une Théorie Allemande de L'Histoire, Paris, J. Vrin, 1969
- BARRACLOUGH, Geoffrey - Tendances Actuelles de L'Histoire, Paris, Flammarion, 1980
- BLOCH, Marc - Introdução à História, trad. portuguesa, Lisboa, Europa-América, s.d.
- BOURDE, G.; MARTIN, H. - Les Ecoles Historiques, Paris,

Seuil, 1982

BRAUDEL, Fernand - História e Ciências Sociais, trad. portuguesa, Lisboa, Presença, 1973

CARR, E. H. - Que é a História?, trad. portuguesa, Lisboa, Gradiva, s.d.

Les Catégories en Histoire, dir. Perelman, Bruxelles, Institut de Sociologie de l'Université Libre, 1963

CERTEAU, Michel - L'écriture de l'histoire, Paris, Gallimard, 1978

CHAUNU, Pierre - Histoire, Science Sociale, Paris, Sedes, 1974

COLLINGWOOD, R. G. - A Ideia de História, trad. portuguesa, Lisboa

Encyclopédia Einaudi - I. "Memória - História", trad. portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984

Faire de l'Histoire: I. Nouveaux Problèmes; II. Nouvelles Aproches; III. Nouveaux Objects, dir. J. le Goff e P. Nora, Paris, Gallimard, 1974

FEBVRE, Lucien - Combates pela História, trad. portuguesa, 2 vols., Lisboa, Presença, 1977

FLEISCHER, W. - Concepção Marxista da História, trad. portuguesa, Edições 70, 1978

FOUCAULT, Michel - As Palavras e as Coisas, trad. portuguesa, Lisboa, Portugália, 1968

GARDINER, Patrick (org.) - Teorias da História, trad. portuguesa, Lisboa, Gulbenkian, 1969

GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaios, vol. III, Lisboa, Sá da Costa, 1971

GOMES, Pinharanda; QUADROS, António - A Teoria da História em Portugal: I. O Conceito da História; II. A Dinâmica da História, Lisboa, Espiral, s.d.

GRUNER, Rolf - Philosophies of History, Aldershot, Gower, 1985

HANDLIN, Oscar - La verdad en la historia, trad. Castelhana, México, Fondo de Cultura Económica, 1982

Histoire (L'), L'Ethnologue et le Futurologie, Paris, Mouton, 1972

LOWITZ, Karl - El Sentido de la Historia, trad. castelhana, Madrid, Aguilar, 1973

MARAVALL, José António - Teoría del Saber Histórico, Madrid, Revista de Occidente, s.d.

MARROU, H. I. - Do conhecimento Histórico, trad. portuguesa, Lisboa, Aster, 1974

"- Théologie de L'Histoire, Paris, Seuil, 1976

La Nouvelle Histoire, dir. Le Goff, Paris, Retz, 1978

POMIAN, Krzysztof - L'ordre du temps, Paris, Gallimard, 1984

- POPPER, Karl - A Miséria do Historicismo, trad. portuguesa,
S. Paulo, Cultrix, 1980
- RAMA, Carlos - Teoria da Historia, trad. portuguesa,
Coimbra, Almedina, 1980
- RICOEUR, Paul - Histoire et Verité, Paris, Seuil, 1955
"- Temps et Récit, 3 t., Paris, Seuil, 1984/1985
- SCHAFF, Adam - História e Verdade, Lisboa, Estampa, 1977
- THYSSEN, Johannes - Historia de la Filosofía de la Historia,
trad. Castelhana, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1954
- VÉDRINE, Hélène - Les Philosophies de l'Histoire, Paris,
Plon, 1974
- VEYNE, Paul - Como se escreve a História, trad. portuguesa,
Lisboa, Edições 70, 1983
- VILAR, Pierre - Iniciación al Vocabulário del Análisis
Histórico, trad. Castelhana, Barcelona, editorial, Crítica, 1980
- WALSH, W. H. - Introducción a la filosofía de la historia,
trad. Castelhana, México, Siglo XXI, 1976

Docentes: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1. Introdução.
- 1.1. Funções das cidades.
- 1.2. Planos geomórficos, concêntricos e ortogonais.
- 1.3. A cidade do Egípto Faraónico e na Mesopotâmia.
- 1.4. A cidade cretense e micénica.
2. Grécia Antiga.
 - 2.1. O nascimento e desenvolvimento da cidade grega.
 - 2.2. A colonização e o aparecimento de novas cidades.
 - 2.3. A cidade em Platão e Aristóteles.
3. Urbanismo helenístico - da polis à megapolis.
4. A cidade romana.
 - 4.1. O urbanismo etrusco e o ritual de fundação.
 - 4.2. Os grandes princípios do urbanismo romano.
 - 4.2.1. O ritual de fundação.
 - 4.2.2. O plano das cidades romanas.
 - 4.3. Os principais elementos urbanos.
 - 4.4. As cidades romanas em Portugal.
 - 4.5. A cidade em Vitrúvio.
5. Urbanismo medieval.
 - 5.1. Origens e formas da cidade medieval.
 - 5.2. As novas cidades.
 - 5.3. A rua e a praça na cidade medieval.
 - 5.4. O Porto medieval.
6. A cidade do mundo islâmico.
7. Urbanismo do século XVI.
 - 7.1. O novo ideal urbano.
 - 7.1.1. As cidades ideais.
 - 7.1.2. A cidade em More e Campanella.
 - 7.2. Roma.
 - 7.3. Aspectos do urbanismo na Europa do século XVI.
8. Urbanismo dos séculos XVII e XVIII.
 - 8.1. Preocupações de ordem prática.
 - 8.2. A estética urbana.
 - 8.3. Urbanismo e política.
 - 8.4. Criação urbana: as grandes alterações nas cidades da Europa.
 - 8.5. As novas cidades.
9. O urbanismo em Portugal na segunda metade do século XVIII.
 - 9.1. Lisboa.
 - 9.2. Porto.
 - 9.3. Vila Real de Santo António.

10. A cidade e a festa (século XVI-XVIII).

BIBLIOGRAFIA

- BENEVOLO, Leonardo - Diseño de la ciudad, México, Ed. G. Gili, 1979
- CHARRE, Alain - Art et urbanisme, "Que sais-je?", nº 2089, Paris, PUF, 1983
- FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. - O Porto na Época dos Almadas (1757-1804). Arquitectura. Obras Públicas, Porto, 1987
- FRANÇA, José-Augusto - Lisboa Pombalina e o Iluminismo, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977
- HARQUEL, Jean-Louis - Histoire de L'Urbanisme, Paris, P.U.F., "Que sais-je?", nº 1892, 1981
- ROSENAU, Helen - A Cidade Ideal. Evolução arquitectónica na Europa, Lisboa, Editorial Presença, 1988

Docente: Profª Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica.

1.2. As teorias da arte. Aparecimento e formação.

1.3. A crítica da arte: seu gênesis e evolução.

1.4. As relações entre artista, consumidor e obra de arte.

Importância destes três vectores para os campos das teorias e da crítica da arte.

2. O Homem e a criação artística.

2.1. A arte e o gosto.

2.2. O artista e a criação.

2.3. O papel da imaginação na gênese da obra de arte.

2.4. O belo e o feio. O completo e o inacabado. O racional e o irracional.

3. A Antiguidade Clássica.

3.1. A crítica da arte e a figura de Xenócrates.

3.2. As posições de Platão e de Aristóteles face ao fenômeno artístico.

3.3. Cícero e Quintiliano: os cânones escultóricos e pictóricos e os "connaisseurs".

3.4. Vitrúvio e a importância do seu tratado de arquitectura.

4. A Idade Média.

4.1. A espiritualidade da arte.

4.2. A arte e a beleza.

4.3. O pensamento de Plotino, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino e a arte.

4.4. O valor das encyclopédias e dos tratados de óptica.

5. A visão renascentista da Arte.

5.1. O "Quattrocento" florentino e o neoplatonismo.

5.2. O papel dos teóricos. A importância dos tratados de Leão Battista Alberti e de Leonardo da Vinci.

5.3. A Alta Renascença e as novas concepções artísticas. O impacto das obras de Arentino, Ludovico Dolce e Paolo Pino.

5.4. O papel e a função do crítico.

6. O período barroco.

6.1. Os artistas barrocos: as vertentes realistas e classicizante.

6.2. O sentimento e a sua expressão nas artes plásticas.

6.3. As directrizes tridentinas e a sua influência nas artes plásticas.

6.4. A crítica da arte e as posições de Bellori e de Boschini.

7. As teorias e a crítica da arte da época das Luzes ao neoclassicismo.

BIBLIOGRAFIA

- BEARDSLEY, M. C.; HOSPERS, J. - Estética: Historia y Fundamentos, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- ECO, Umberto - Arte e Beleza na Estética Medieval, Lisboa, Editorial Presença, 1989
- HAUSER, Arnold - Teorias da Arte, Lisboa, Editorial, Presença, 1973
- KRIS, Ernest/KURZ, Otto - Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista, Lisboa, Editorial Presença, 1988
- PANOFSKY, Erwin - Renacimiento y Renacimientos en el Arte Occidental, Madrid, Alianza Editorial, 1975
- "- Idea. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1977
- RICHARD, André - La Critique d'Art, Paris, P.U.F, 1968
- SCHOLOSSER, Julius - La Literatura Artística. Manual de Fuentes de la Historia Moderna del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, Paris, Flammarion, 1969
- COLEÇÃO de 8 volumes - Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

CULTURAS REGIONAIS PORTUGUESAS

Docentes: Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Dr. Carlos Alberto Brochado

O programa da cadeira será entregue mais tarde pelos docentes.

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.
 2. A cidade medieval.
 - 2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.
 - 2.2. Administração municipal durante a Idade Média.
 - 2.3. Vectores de desenvolvimento económico.
 - 2.4. A Cidade e o Termo.
 3. O Porto na época moderna.
 - 3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.
 - 3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.
 4. O Porto no século de Oitocentos.
 - 4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.
 - 4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.
- Sugestões de temas para investigação
- . O Porto e a expansão portuguesa.
 - . Instituições de cultura na cidade.
 - . O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).
 - . Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipali Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961
Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938

COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

Docente: Dr. Agostinho Araújo

1. Problemática de uma ciência jovem.
0. Introdução.
 - 0.1. Historicidade e especificidade da Arte.
 - 0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.
 - 0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.
1. Evolução da estética sociológica.
 - 1.1. Um precursor: Diderot.
 - 1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.
 - 1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.
 - 1.3.1. H. Taine.
 - 1.3.2. J. M. Guyau.
 - 1.3.3. Ch. Lalo.
 2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.
- 2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).
 - 2.2. Influência da Escola de Viena.
 - 2.2.1. F. Antal.
 - 2.2.2. W. Weisbach.
 - 2.3. Warburg e os seus discípulos.
 - 2.3.1. A. Warburg.
 - 2.3.2. F. Saxl.
 - 2.3.3. O Instituto Warburg.
 - 2.3.4. E. Panofsky.
 - 2.4. W. Benjamin.
 - 2.5. Os marxistas (M. Ephael, A. Hauser, E. Fischer, N. Hadjinicolaou).
3. A Sociolo Arte fundada por Pierre Francastel.
 - 3.1. Fundamentação global.
 - 3.2. Conceitos operatórios.
 - 3.3. Programa de pesquisa.
4. J. Duvignaud: do Teatro até uma "sociologia global do imaginário"
 - II. Amostragem de Análises práticas
 0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.
 1. Sociologia das condições sociais de criação.
 - 1.1. Mecenato.
 - 1.2. Programa imposto.
 - 1.3. Responsabilidade polí tico-cultural de Estado.
 - 1.4. Arte oficial.

- 2. Sociologia da criação.
- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.
- 3. Sociologia das condições sociais de utência.
- 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
- 3.2. Modas.
- 3.3. Meios de publicidade.
- 3.4. Técnicas de reprodução.
- 4. Sociologia da utência.
- 4.1. Colecções.
- 4.2. Freqüência de museus.
- 4.3. Consumo de literatura artística.
- 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTAL, Frederik - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948
- "- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2^a ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971
- BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979
- BECKER, Howard - Arte como accão colectiva, in "Uma Teoria da Accão Colectiva", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 205-225
- "- Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26
- BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociologia da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47
- BERGER, John - Modos de ver, Lisboa, Edições 70, 1982
- BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966
- BREST, J. Romero - El gusto, la moda y el arte visual, in "Colóquio/Artes", Lisboa, 36, Março de 1978, pp. 45-50
- CLARK, Kenneth - Que es una obra maestra?. Barcelona, Icaria, 1980
- CREEDY, Jean - O contexto social da arte, Rio de Janeiro, Zahar, 1975
- DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objecto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Enciclopédia Einaudi", vol. 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp.

- DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal", New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32
- DIDEROT/FALCONET Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958
- DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974
- "- Símbolo, comunicación y consumo, 2^a ed., Barcelona, Lumen, 1975
- DUFRENNE, Mikel - Art et politique, Paris, Union Générale d'Éditions, 1974
- DUFRENNE, Mikel e outros - A Estética e as Ciências da Arte, 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1982
- DUVIGNAUD, Jean - Problemas de Sociologia da Arte, in "Sociologia da Arte - I", 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1971, pp. 23-36
- "- Sociologie de l'Art, Paris, Presses Universitaires de France, 1972
- "- Sociologia da Arte, in "Sociologia" (direc. G. Eisermann), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, pp. 439-474
- ECO, Umberto - A estrutura ausente, 3^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1976
- FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975
- "- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977
- FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- FRANCATEL, Galienne - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'œuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28
- FRANCATEL, G.; FRANCATEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969
- FRANCATEL, Pierre - L'impressionisme, 2^a ed., Paris, Denoel, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- "- Histoire de la Peinture Française, 3^a ed., 2 vols., Paris, Gouthier, 1971
- "- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologie" (direc. G. Gurvitch), 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p.. 278-296
- "- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIII^e siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Études), pp. 331-357

- "- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982
- "- L'image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
- "- Études de Sociologie de l'Art. Crédit picturale et société, Paris, Denoel, 1970
- FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XX" (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
- "- Lisboa, Pombalina e o Iluminismo, 2^a ed., Lisboa, Bertrand, 1977
- "- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
- "- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
- "- Temas de história e de sociologia da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
- FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9^a ed., Paris, Félix Alcan, 1912
- HADJINICOLAOU, Icos - L'object de la discipline de l'Historie de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
- "- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
- "- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
- HAUSER, Arnold - Historia Social de la Literatura y el Arte, 3 vols., 4^a ed., Madrid, Guadarrama, 1969
- "- Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama, 1975-1977
- "- Teorias da Arte, 2^a ed., Lisboa, Presença, 1978
- "- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984
- HUISMAN, Denis - A Estética, Lisboa, Edições 70, s.d.
- KONDER, Leandro - Os marxistas e a arte, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967
- LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921
- MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIIIe Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974, sep. de "Bracara Augusta", XXVII
- MARX, K.; ENGELS, F. - Sobre Literatura e Arte, 3^a ed., Lisboa, Estampa, 1975

Docentes: Dr. Agostinho Araújo
Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro). Artes decorativas. Alguns colecionadores.

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitectura Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICÓ, Mário Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981

"- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482

"- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974

"- Amadeo de Souza-Cardoso, 2^a edição, Lisboa, Inquérito, 1972

"- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973

- 1974 "- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor,
- Breve, 1979 "- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca
- GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no
noroeste de Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara
Municipal do Porto, vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184
- MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado,
Porto, Lopes da Silva, 1945
- SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3
vols., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970
- SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800,
London/New York, Meredith Press, 1968
- ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols.,
Lisboa, Arcádia, 1979

I N D I C E

História Económica e Social (sécs. XVIII-XX)	1
História Institucional e Política (sécs. XVIII-XX)	4
História Cultural e das Mentalidades	6
História de Portugal (sécs. XVIII-XX)	8
Arte dos Séculos XIX-XX	13
Teoria da História e do Conhecimento Histórico	15
História Urbana Geral e de Portugal	18
Teorias e Crítica da Arte	20
Culturas Regionais Portuguesas	22

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

História da Cidade do Porto	1
Sociologia da Arte	2
História de Arte em Portugal	6